

APONTAMENTOS SOBRE A PARAGOGUE NO PORTUGUÊS EUROPEU: ESTUDO DE CASO COM BASE NA ANÁLISE DE UM DIALETO TRANSMONTANO

Fábio Barcellos Granja¹

up202100212@up.pt

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

RESUMO. Este breve artigo planeja investigar causas e contextos que motivem a paragoge no Português Europeu. Para isso, usou-se como base a transcrição fonética de uma amostra de fala de um dialeto transmuntano, que ilustra ocorrências e ambientes nos quais o fenômeno é observado. Procurou-se enquadrar esta amostra num dos subgrupos dialetais descritos por Cintra (1971), bem como delinear motivadores da paragoge, alvo do trabalho. Estes parecem ser sobretudo ligados a analogias com a estrutura silábica CV, bastante produtiva no Português. Espera-se que os resultados aqui presentes contribuam com os primeiros passos à descrição da paragoge no dialeto investigado.

PALAVRAS-CHAVE. Fonologia, Fonética, Dialectologia, Português Europeu, Paragoge.

ABSTRACT. This short paper aims at investigating the causes and contexts that motivate the paragoge phenomenon in European Portuguese. For this end, the phonetic transcription of a speech sample from a Trás-os-Montes' dialect was used, illustrating occurrences and environments in which the phenomenon is observed. The sample was classified according to the dialectal subgroups described by Cintra (1971), and motivators of paragoge, targeted in the present investigation, were outlined. These appear to be related to analogies with the CV syllabic structure, which is especially productive in Portuguese. The results presented here aim at contributing to the initial steps towards a description of paragoge in the investigated dialect.

KEYWORDS. Phonology, Phonetics, Dialectology, European Portuguese, Paragoge.

¹ Estudante do 3.º ano da Licenciatura em Ciências da Linguagem - Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
Volume 12 | N.º 1 | 2023 | <http://ojs.lettras.up.pt/index.php/elingUP>
DOI: https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling12_1a2

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo a análise comentada de uma amostra de fala do Português Europeu (doravante PE), que provém de uma falante nativa originária de Alijó (concelho de Alijó, distrito de Vila Real). Os comentários aqui feitos visam a: i) identificar as marcas dialetais principais que caracterizam o discurso da falante a partir da transcrição fonética estreita deste; ii) qualificar o dialeto analisado como pertencente a um dos principais dialetos do PE (Cunha & Cintra 2016; Cintra 1971); iii) analisar a ocorrência regular da paragoge após líquidas, ilustrada pelo trecho de fala recolhido.

Como amostra de discurso, foi utilizado um trecho de 40 segundos, retirado de uma entrevista de vinte minutos com a falante. Nesta, procurou falar-se de temas com os quais a entrevistada estivesse o mais confortável possível, para que o seu discurso fosse espontâneo e revelasse com maior precisão os aspectos aqui analisados. A partir da amostra, fez-se a transcrição fonética do discurso (com base no Alfabeto Fonético Internacional) e, a partir desta, foram analisadas marcas que o caracterizassem nas principais tipologias de qualificação dos dialetos portugueses. Para o comentário dialetal, foram utilizados como base os trabalhos de Cintra (1971), Cunha e Cintra (2016), Ferreira *et al.* (1996), Massini-Cagliari (2006), Candeias (2011), Veloso (2008) e Mateus e Andrade (2000).

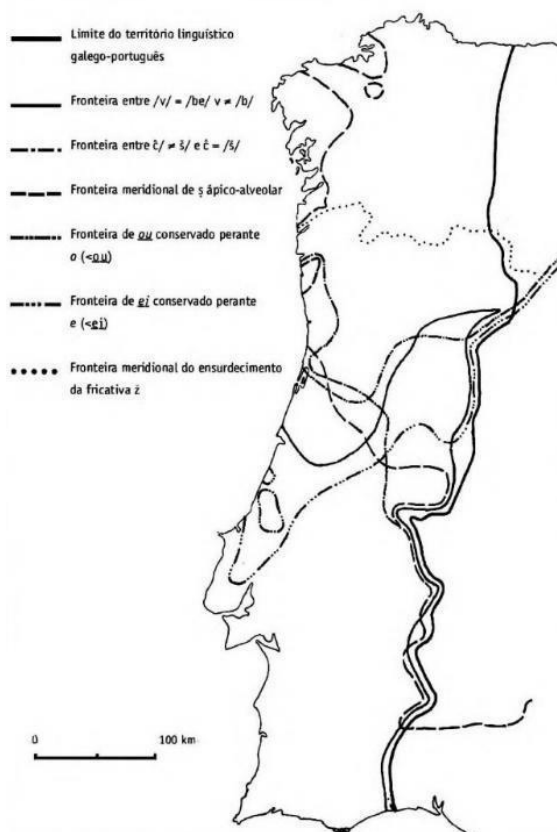
Este trabalho não visa descrever categoricamente o fenómeno da paragoge no PE. Procura, ao invés disso, investigar a aparente regularidade de um processo pouco descrito e, possivelmente, presente em alguns dialetos transmontanos. Sendo a base do estudo apenas uma amostra de fala, o autor também não busca generalizar as suas particularidades, mas começar a descrever um fenómeno nela atestado que parece ser de interesse no ramo da dialetologia da língua portuguesa.

2. Enquadramento teórico

Este artigo insere-se, primeiramente, na proposta de dialeção do Português Europeu Moderno por Cintra (1971). A presença ou ausência das sibilantes apicais [ʃ] e [ʒ] é identificada como a principal isófona que separa dois grandes grupos de dialetos continentais, definidos por este autor como Dialetos Setentrionais e Dialetos Centro-Meridionais.

Analisando estritamente os Dialetos Setentrionais, zona focal deste trabalho, Cintra (1971) descreve as seguintes características fundamentais dessas variedades: i) neutralização da oposição entre [v] e [b] (marca também presente no Castelhana e no Galego); ii) presença

de sibilantes apicais ([ʃ] e [z]); iii) conservação do ditongo medieval [ow]. O seguinte mapa esquematiza a distribuição geográfica destes traços:



Mapa 1. Características fonéticas diferenciais dos dialetos galego-portugueses (Cunha & Cintra 2016: 26)

Considerando estes traços, o autor também descreve a separação dos dialetos do Norte de Portugal em dois subgrupos: os transmontano-alto-minhotos e os baixo-minhotos-durienses-beirões. Os primeiros são marcados sobretudo pela existência de um sistema de quatro sibilantes, nomeadamente [s], [z], [ʃ] e [z]. Os segundos, em contraste, por um sistema de duas sibilantes: apenas as apicais [ʃ] e [z]. O mapa a seguir ilustra a presença destes dialetos no território lusófono:

3. Metodologia

O material analisado neste trabalho consiste num trecho de 40 segundos de fala de uma falante do PE Moderno, natural de Alijó (concelho de Alijó, distrito de Vila Real). Este excerto foi selecionado de uma entrevista de 20 minutos, na qual a informante respondeu a perguntas do entrevistador relativas ao seu dia-a-dia e à sua infância. A seleção destes temas teve como objetivo assegurar que a falante estava confortável o suficiente para se atentar mais ao assunto do que à sua fala (isto é, mais ao conteúdo do que à forma), evitando-se, assim, uma supressão consciente de marcas dialetais, por vezes estigmatizadas.

Desse modo, considera-se que a amostra aqui apresentada é representativa dos fenômenos acima delineados e pode ser um princípio para começar a descrever e atestar ocorrências ainda pouco exploradas pelos principais dialetólogos do PE, não obstante a extensão da bibliografia sobre o assunto.

Finalmente, vale apontar que os traços descritos por Cintra (1971), retomados em Cintra e Cunha (2016), são gerais e, evidentemente, o pertencimento de um dialeto a um subgrupo não requer a presença constante neste de todas as particularidades delineadas. Ainda assim, idealmente, podem identificar-se, em amostras de fala apropriadamente recolhidas, características recorrentes e regulares que podem aproximar o dialeto a uma das formas ideais propostas pelos autores citados.

No presente artigo, adotou-se a seguinte abordagem: foram consideradas como marcas dialetais ocorrências fonológicas repetidas duas ou mais vezes (dada a curta extensão da amostra) no mesmo exato contexto. A partir delas, é possível delinear algumas conclusões relevantes sobre as particularidades da amostra analisada que, se aliadas a análises de mais amostras de fala da região, podem contribuir com uma melhor descrição do dialeto de Alijó.

4. Transcrição fonética estreita da amostra de fala tratada

eu não mas eu faço ideia porque eu conheço o trabalho do campo não é porque o meus

[ew næw̃ majz ew 'fasw i'ðejə 'puk ew ku'jesu u trɐ'baɫu ðu 'kæpu nu^w ɛ pɾk u 'mewɚ]

pais também tinham também tinham campo não era nenhuma quinta mas tinham não é para

[pajz tɐ'mɛ̃ 'tɿjɐw̃ tɐ'mɛ̃ 'tɿjɐw̃ 'kæpu nu^w 'erɐ n'umɐ 'kĩtɐ mæɚ 'tɿjɐw̃ nu^w ɛ pɾɐ m ɐ]

granjeavam o vinho e e para se comer as batatas e assim e eu sei que a vida do campo é dura

[grɐ'zɛabɐw̃w 'viɲu i i pɐ s ku'merj ɐz bɐ'tataz i ɐ'si j i ew sej kja 'bidɐ du 'kæpu^w ɛ 'ðurɐ]

não é ainda hoje pronto já é tudo mecanizado e mas mesmo assim é preciso ainda bastante mão

[nɐw ɛ 'ɿda 'ozi 'pɾotu zɐ ɛ 'tudu mɿkɐni'zaðu i mɐz 'mɐzɐw ɐ'si ɛ pɾ'sizu 'ɿda bɐstɐti mæw]

de obra e no douro aquilo no verão muito calor pelo calor e e há serviços na na nas

[d 'ɔbre i nu 'ðowru v'kilu nu vɨ'rãw̃ 'mũ̃tu kɐ'lorɨ 'p̃ɨlu kɐ'lorɨ i i' a sɨr'βisuz̃.nɐ nɐ nɐz]

vinhas que tem tem que ser feita pelo calor não é

[ʔ'βɨnaz̃ k̃ɨ t̃ɛ t̃ɛ k se 'fejta 'p̃ɨlu kɐ'lorɨ nu^w ɛ]

5. Identificação sociodemográfica e socioletal do falante estudado

A falante que forneceu a amostra aqui analisada é natural da freguesia de Vilar de Maçada, concelho de Alijó, distrito de Vila Real. Na altura da entrevista, tinha 73 anos completos. Passou a infância, até aos dez anos de idade, na mesma freguesia, e passou a maior parte da vida, inclusive os quinze anos anteriores à entrevista, na freguesia de Alijó (mesmos concelho e distrito). Exerceu, ao longo da vida, as profissões de doméstica e talhante, e tem escolaridade completa até o 4.º ano.

Tanto o pai quanto a mãe da falante eram naturais de Vilar de Maçada, onde passaram a maior parte da vida. Os dois exerceram a profissão de padeiro. O pai era analfabeto; a mãe tinha escolaridade inferior ao 4.º ano.

6. Comentário dialetal

6.1. Fenômenos consonânticos

Nota-se, na amostra analisada, um forte pertencimento ao subgrupo dialetal “transmontano-alto-minhoto”, como descrito por Cintra (1971). Serão aqui descritas as características fonéticas e fonológicas que possibilitam este enquadramento.

Comentando-se inicialmente os fenômenos consonantais, destaca-se, em primeiro lugar, a presença da sibilante apicoalveolar [z]: ocorre em finais de palavras antes de consoantes vozeadas ou vogais (como em [majz] – correspondente a “mas” – e em [bɐ'tataz] – correspondente a “batatas”) e finais de sílabas (como em ['mez̃mw] – correspondente a “mesmo”). Também se encontra a sua contraparte surda, [ʒ], nos seguintes contextos: finais de palavras antes de consoantes surdas (como em ['paʒ] – correspondente a “pais”) e finais de sílabas (como em [bɐʒ'tɛti] – correspondente a “bastante”).

Há, portanto, a presença de um sistema de quatro sibilantes: [s], [ʒ], [z] e [z]. Esse fenômeno é fundamental para a classificação inicial da amostra, dado que corresponde à divisão entre dialetos setentrionais e centro-meridionais (Cintra 1971). Assim, cabe estabelecer, de partida, que se trata de um dialeto setentrional. Além disso, a coexistência de sibilantes apicais e predorsais é marca do subgrupo transmontano-alto-minhoto (Cintra 1971). Tal fato, associado

ao contexto sociolinguístico da falante, é pouco surpreendente, considerando que passou parte significativa da sua vida na região de Trás-os-Montes, especificamente no Concelho de Alijó.

Há, também, outro traço muito particular dos dialetos do Norte de Portugal: a neutralização da oposição entre [v] e [b]. No caso da amostra aqui analisada, não há sempre neutralização completa; pode-se falar em atenuação da oposição. Tal acontece porque se observam três formas distintas de se realizar o fone [v]: i) como [v], mantendo-se a oposição (e.g. ['viɲu], “vinho”); ii) como [b], sendo a oposição neutralizada completamente (e.g. ['bidɐ], “vida”); iii) como [β], fricativado, o meio-caminho entre o [b] e o [v] (e.g. [sɨr'βisuz̃], “serviços”). Percebe-se, principalmente, que a pronúncia fricativada ocorre em posição intervocálica ou após líquidas. Esta característica é bastante marcada nos dialetos setentrionais (Cintra & Cunha 2016) e, na amostra, não permeia o discurso como um todo, posto que o [v] ainda se mantém, mesmo que, na maior parte das vezes, realizado como [b] ou [β]. Cabe ressaltar, também, que o fone [ð], realização intervocálica de [d], se comporta de forma análoga ao [β] intervocálico (seja antes de vogal e após vogal em posição final de sílaba – [i'ðejɐ] -, seja antes de vogal e após vogal em posição final de palavra – [ɛ'ðurɐ]).

Em conclusão do que tange às consoantes, também se observou, em três ocorrências da mesma palavra ([ˈtɨɲɐ̃w̃], “tinham”), a articulação dental da oclusiva apicoalveolar [t]. Tal articulação pode se dever ao fato de a vogal que a segue se tratar de uma anterior, isto é, articulada na parte da boca mais próxima dos dentes. Tratar-se-ia, pois, de um fenômeno de antecipação, em que a articulação da vogal contamina a articulação da consoante que a precede (Malmberg 2002), havendo a dentalização. Cabe adicionar que a classificação do fonema do Português /t/ como dental ou alveolar também é questão de debate, como referido por Veloso (1994). Assim, ainda que tal fenômeno pareça, na amostra, ser minimamente regular (isto é, ocorrendo sempre antes da vogal alta anterior [i]), seriam necessárias mais amostras dialetais que atestassem tal ocorrência para considerá-la uma marca dialetal e não uma marca idiossincrática da falante.

6.2. Fenômenos vocálicos gerais

Com relação às vogais, primeiramente, observa-se uma manutenção clara do ditongo [ow], realizado como [ow]. Tal ocorrência é atestada em ['ðowru] (“Douro”), em que a realização fonética corresponde à ortografia, posto que o ditongo é grafado. De notar que, no que tange à história do Português e das mudanças fonológicas que afetaram a língua, essa manutenção do ditongo contrasta com a realização mais tipicamente meridional deste ditongo

como [o], sendo tal monotongação uma inovação, e a ditongação setentrional, característica mais conservadora (Cintra 1971).

Nota-se, também, a palatalização de [a] e [ẽ] em [æ] e [ã], respectivamente. A articulação não nasal [æ] é sobretudo condicionada em sílabas tônicas pela presença, na sílaba anterior, das semivogais [j] e [w] ou de [i] e [u] átonos (Cintra 1971). A articulação nasal ocorre sempre como [ã̃w̃], realização do ditongo [ẽw̃].

6.3. Paragoge

O último e, talvez, mais chamativo fenômeno vocálico atestado na amostra é a paragoge de [i] ou [e] (realizados também de forma levemente mais velarizada, [ɪ]) após líquida, como em [ku'merj], “comer” e em [kɐ'lorɪ], “calor”. Essa realização era bastante típica do Português Arcaico, como aponta Massini-Cagliari (2006), mas se observava sobretudo em contextos rítmicos, como canções, trovas e cantigas medievais. Segundo a autora, em todos os casos atestados em cantigas portuguesas arcaicas, esta paragoge rítmica se dá pelo acréscimo de vogal próxima a [e] após as líquidas [l], [n] e [r]. Analogamente, na amostra recolhida para este artigo, a paragoge (aqui, das vogais [i] e [ɪ], próximas a [e] e a [i]) se dá exatamente no mesmo contexto. O que não se nota é a finalidade rítmica desta inserção.

Na fala aqui analisada, o que se observa é a inserção da vogal no final da palavra em analogia a uma estrutura silábica bastante comum no PE, a sílaba Consoante-Vogal (CV). Este tipo de estrutura é frequentemente considerado como universal, sendo especialmente produtivo nas línguas românicas (Marotta 2022). Assim, o que poderia observar-se nos casos de paragoge atestados seria a separação de sílabas (C)(C)VC (com consoante em coda), em contexto de final de palavra, em duas novas sílabas: uma (C)(C)V e outra CV, apresentando esta última vogal paragógica e, em posição de ataque, a consoante que servia de coda à sílaba original.

Esse tipo de mudança é amplamente atestado em línguas latinas e ocorreu na passagem do Latim para o Italiano moderno, por exemplo (e.g. amor [Lt.] -> amore [It.]; honor [Lt.] -> onore [It.]; sol [Lt.] -> sole [It.]). Nesta amostra dialetal, bem como em dialetos similares ao da falante nativa entrevistada (cf. Candeias 2011), as formas verbais (sobremaneira atingidas pela paragoge) terminadas na rótica [r] na norma padrão do PE terminam em [rɪ] ou [ri], assemelhando-se, por meio da paragoge, ao antigo padrão latino de terminação de conjugações ([re], em pronúncia reconstituída). Nesse sentido, convém ressaltar que, no Português, /i/ é considerada como vogal não marcada no nível lexical e, por isso, é muito produtiva em epênteses (Mateus & Andrade 2000), sendo esperado o uso desta vogal como paragógica.

No caso da paragoge após o [l] e o [n], não há necessariamente similaridade fonética ou etimológica ao Latim, mas sim uma maior aproximação à estrutura silábica CV (Massini-Cagliari 2006). Sendo os dialetos setentrionais do PE mais conservadores foneticamente (Ferreira *et al.* 1996), uma hipótese de estabelecimento diacrônico (isto é, de mudança linguística atestada) deste tipo de paragoge nos dialetos transmontanos como o da falante investigada pode ser plausível e sua investigação mais profunda seria bastante prolífica.

Uma evidência final, no contexto da Teoria da Otimalidade, é referida por Veloso (2008), que indica que AVOIDCODA seria uma restrição prosódica no Português, caracterizada principalmente pela eliminação da consoante em coda:

“NoCODA does seem to play a very prominent role in syllable-constituency of Portuguese and to be ranked, in this language, higher than other constraints, such as [+SON,+COR]CODA. What is more, the tendency towards deletion of any segmentally filled codas in different periods of the language history and according to a considerable array of different surface manifestations leads us to the proposal of a more powerful constraint such as AVOIDCODA.”

(Veloso 2008: 19)

Assumindo que esta restrição se encontra, de fato, presente no Português, a paragoge poderia atuar no sentido de evitar consoantes (na amostra em questão, [r]) em coda por meio da inserção de uma vogal.

6. Considerações finais

Em termos gerais, observa-se, na amostra analisada, um pertencimento evidente aos dialetos nortenhos, atestado por: i) neutralização (ainda que não em todos os casos) da oposição entre [v] e [b]; ii) conservação do ditongo [ow]; iii) presença das sibilantes apicais [ʃ] e [z]. Ademais, corresponde, entre os subgrupos dialetais setentrionais, ao transmontano-alto-minhoto (Cintra 1971), sobretudo pela coexistência de [ʃ] e [z] com as sibilantes predorsais [s] e [z], não atestada no subgrupo baixo-minhoto-duriense-beirão.

O fenômeno em foco neste artigo, i.e., a paragoge, encontra-se presente na amostra, sendo, ainda, pouco descrito na literatura dialetológica do PE. O autor deste trabalho procurou, para além de contribuir muito sucintamente com a divulgação desta ocorrência, principiar discussões que possibilitem explicá-la, sobretudo nos contextos aqui apresentados. Propõe-se

que, fundamentalmente, a paragoge, no PE, surge como uma forma de aproximar sílabas com consoantes em coda à estrutura silábica básica CV.

O autor tem a consciência de que a análise de apenas uma amostra de fala não dita tendências, mas, ainda assim, acredita que pode apresentar caminhos para trabalhos futuros. Assim, o objeto do presente estudo pode e deve ser mais desenvolvido, levando em conta a coleta de mais amostras de fala que possam, efetivamente, demonstrar que a paragoge não é só uma marca idioletal, mas potencialmente uma característica vocálica fundamental do dialeto de Alijó e de outros falares transmontanos.

Referências

- Candeias, S. 2011. Sistema fonológico da Beira Interior e algumas considerações sintático-semânticas. *Journal of Portuguese Linguistics* 10(2): 57-62.
- Cintra, L. 1971. Nova proposta de classificação dos dialectos Galego-Portugueses. *Boletim de Filologia* 22: 81–116.
- Cunha, C.; Cintra, L. [1978] 2016. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 7.^a edição. Rio de Janeiro: Lexikon.
- Ferreira, M.; Carrilho, E.; Lobo, M.; Saramago, J.; Cruz, L. 1996. Variação linguística: perspectiva dialectológica. In I. Faria, E. Pedro, I. Duarte, C. Gouveia (Eds.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa* (479–502). Caminho.
- Malmberg, B. 2002. *La Phonétique*. 19th édition. Paris: Presses Universitaires de France.
- Marotta, G. 2022. Structure of the Syllable. In A. Ledgeway; M. Maiden (Eds.), *The Cambridge Handbook of Romance Linguistics* (1st ed., 183–208). Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781108580410.007>.
- Massini-Cagliari, G. 2006. Otimalidade e Estilo: o caso da paragoge em Português Arcaico. *Estudos Linguísticos* 35: 870–877. <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/103.pdf>
- Mateus, M. H. M.; Andrade, E. 2000. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Veloso, J. 1994. Algumas notas sobre a classificação de /t/ e /d/ em português. *Línguas E Literaturas* 11: 131–146. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2678.pdf>
- Veloso, J. 2008. Coda-avoiding: Some Evidence from Portuguese. *Romanitas, Lenguas Y Literaturas Romances* 3(1).